



EIXO 8

GEOGRAFIA POLÍTICA E ENSINO: INOVAÇÕES TEMÁTICAS, CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

A DIMENSÃO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO SABER ESCOLAR: O ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Sabrina Silva de Menezes

RESUMO

A cultura é, por muitas vezes, colocada em um segundo plano no processo ensino-aprendizado (currículo, materiais escolares etc). Desse modo, os alunos do Ensino Básico, cuja bagagem cultural varia mais ou menos intensamente, têm as identidades culturais de seus grupos de origem pouco ou nada valorizadas. Considerado este contexto, este artigo analisa os efeitos da não apropriação da cultura na construção do saber escolar, especificamente no ensino da Geografia. Partimos da ideia de que, nestas condições, o ensino que não considera a educação geográfica em sua multidimensionalidade, contribui para um déficit na formação do aluno-cidadão reforçando o sentimento de não pertencimento e, por muitas vezes, a sensação de exclusão do aluno no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Dimensão Cultural, Ensino de Geografia, Cidadania

LA DIMENSIÓN CULTURAL EN LA CONSTRUCCIÓN DEL SABER ESCOLAR: LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA Y LA FORMACIÓN DEL CIUDADANO

RESUMEN

La cultura es, a menudo, colocada en un segundo plano en el proceso enseñanza-aprendizaje (currículo, materiales escolares, etc.). De ese modo, los alumnos de la Enseñanza Básica, cuyo bagaje cultural varía más o menos intensamente, tienen las identidades culturales de sus grupos de origen poco o nada valoradas. Considerado este contexto, este artículo analiza los efectos de la no apropiación de la cultura en la construcción del saber escolar, específicamente en la enseñanza de la Geografía. Partimos de la idea de que, en estas condiciones, la enseñanza que no considera la educación geográfica en su multidimensionalidad, contribuye a un déficit en la formación del alumno-ciudadano reforzando el sentimiento de no pertenencia y, a menudo, la sensación de exclusión del alumno en espacio escolar.

PALABRAS CLAVE: Dimensión Cultural, Enseñanza de Geografía, Ciudadanía

Era uma vez, a geografia cultural...

A cultura se finca na Geografia como um subcampo de sua ciência há, mais ou menos, um século atrás, quando se difundiu no continente europeu. Desde o começo do século XX até a década de 1970, a Geografia Cultural tem focalizado em temas como a paisagem cultural, as áreas culturais, a história da cultura no espaço e a ecologia cultural. Neste período, alguns geógrafos tiveram sucesso com suas produções. Destaca-se neste ínterim a Escola de Berkeley (EUA), representada por Carl Sauer, que se sobressaiu em relação às demais, já que nela a Geografia Cultural ganhou sua plena identidade.

Em meados da década de 1970, a Geografia Cultural passa por um processo de renovação, a chamada “virada cultural”. Isso porque a tradição baseada na Escola de Berkeley sofreu inúmeras críticas de diversos geógrafos originários de múltiplos caminhos teóricos ou com experiências em diferentes contextos culturais. Sendo assim, o conceito de cultura foi reconsiderado.

Na década seguinte, uma gama de mudanças de escala global destaca a dimensão cultural dos processos em ação. Seriam elas,

as mudanças na esfera econômica, o fim da denominada Guerra Fria, a ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, o movimento ecológico, novas formas de ativismo social e a crescente consciência da necessidade de novos modos de se construir e entender a realidade. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p.12)

Entretanto, diferentemente de outros lugares como Europa e EUA, este subcampo não usufruiu da mesma importância no Brasil. Sua difusão por aqui aconteceu apenas no início da década de 1990, período marcado pela importância da Geografia Cultural renovada. Segundo CORRÊA e ROSENDAHL (2003, p.9) alguns dos motivos para a tardia aquisição da Geografia Cultural no Brasil seriam a forte influência da tradição empiricista e, a partir do final de 1970, da perspectiva crítica.

Se sua consolidação na academia foi lenta e pouco substancial, analisando-se o processo de construção do ensino de geografia nos cursos de ensino superior em licenciatura e, sobretudo, a sua incorporação aos currículos escolares da Geografia, a defasagem é ainda maior. Ao longo do levantamento bibliográfico que

realizei desde que iniciei esta pesquisa, pude perceber que, na produção das duas últimas décadas, ainda há uma priorização de algumas abordagens sobre outras, sendo uma delas, a geografia cultural.

Este cenário se apresenta como profundamente preocupante, quando se considera que a cultura dos grupos sociais que constroem as grandes metrópoles, como a cidade do Rio de Janeiro, são culturas colocadas em uma espécie de segundo plano no discurso escolar. Num espaço em que há grande diversidade cultural, ou seja, uma diversidade de identidades, há diferentes concepções acerca das “outras” culturas. A não consideração e/ou valorização da diversidade cultural dentro do cotidiano da escola abre espaço para inúmeros casos de injustiça e preconceito.

Tomando-se como pressuposto o distanciamento da Geografia escolar às proposições da Geografia Cultural no Brasil, este trabalho visa questionar quais seriam as condições e as possibilidades para a inclusão da dimensão cultural no ensino escolar de geografia. Tomando-se este objetivo como o norte desta pesquisa, apresentamos, neste artigo, algumas reflexões gerais: contextualizar a evolução do processo de apropriação da dimensão cultural pela geografia, isto é, a história da Geografia Cultural; verificar a incorporação da dimensão cultural no ensino superior da Geografia através da análise dos currículos dos principais cursos de licenciatura em Geografia no estado do Rio de Janeiro; analisar as estratégias de aproveitamento da utilização da cultura para a inclusão do aluno no espaço escolar e por fim, apresentar propostas metodológicas dentro do âmbito da Geografia Cultural.

Cultura: um sistema organizador da vida humana

Uma questão básica para os fins da análise aqui proposta é de que maneira a cultura é apropriada pelo ensino de geografia. Entretanto, antes de tentar responder a este questionamento, se faz necessária a compreensão do que seria cultura.

Segundo os antropólogos Everardo Rocha (1988) e Roque Laraia (1986), podemos entender a cultura como um sistema organizador da vida humana, servindo assim, como o ponto de referência para a sua construção. Cada indivíduo

carrega a sua própria “bagagem cultural” que foi desenvolvida ao longo da sua vida, desde o contato inicial com a família, passando pela escola, faculdade, trabalho e etc., até o contato com a sociedade em que ele se encontra. Ou seja, é construída através do seu cotidiano. A cultura tem uma lógica própria, pois é construída com as experiências, objetos, valores e história de diferentes grupos sociais, isto é, todas as ações têm um sentido e estes definem um grupo social. Além disso, ela também é dinâmica, pois ela é construída e reafirmada na prática cotidiana, não havendo assim, uma sociedade estática. A UNESCO (1982, p.1) afirma que a cultura não inclui somente as artes e as letras, mas também modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças.

No espaço escolar, a diversidade cultural é representada pelas diferentes marcas da formação histórico-social do Brasil, aparecendo em hábitos, crenças etc expressos pelos alunos, seus familiares e grupos sociais específicos. Dentro desse espaço e na sociedade como um todo, as distintas identidades culturais se encontram e, por isso, se faz necessário o reconhecimento e a valorização da identidade cultural do outro. A falta desse conhecimento é refletida nos inúmeros registros de casos de preconceito nas escolas. Esse preconceito é disseminado dentro da comunidade estudantil e muitas vezes, ao invés de optar pela discussão sobre a diversidade, opta-se pela exclusão.

A Geografia é uma das ciências que tem buscado incorporar a seus estudos, abordagens culturais que valorizam o estudo das manifestações culturais e como elas se desenvolvem no espaço e nos lugares. Uma evidência deste fato, pode ser identificada pela existência do subcampo da Geografia Cultural que, segundo Paul Claval (2014, p.19-20), cujos estudos se concentram na compreensão dos homens e da sociedade agregando-se significados e conhecimentos de suas vidas, de seu cotidiano.

Depreende-se destas observações a importante contribuição da Geografia para o desenvolvimento e aplicação de estudos e propostas metodológicas que valorizem a pluralidade cultural presente nos espaços escolares.

Apropriação das abordagens culturais pelo ensino de geografia e pelo espaço escolar

Para responder o objetivo central dessa pesquisa, que seria sobre de que maneira a cultura é apropriada pelo ensino de geografia e pelo espaço escolar, foi necessário todo uma estruturação acerca dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

Ao longo deste trabalho, me baseei teoricamente em autores, como os antropólogos Roque Laraia e Everardo Rocha, e o geógrafo Paul Claval para a formulação da definição de cultura. Como visto anteriormente, os mesmos afirmam que a cultural funciona como uma espécie de sistema organizador, servindo assim, como um norte para a construção e desenvolvimento da vida humana. Cada indivíduo carrega a sua própria “bagagem cultural”, que foi e é construída ao longo de sua vida. Isto é, nós somos construídos através das experiências vivenciadas no nosso cotidiano, no nosso dia-a-dia.

Para a contextualização da inserção da cultura na geografia, dando origem à Geografia Cultural, em meados do final do século XIX e início do século XX, passando pela ressignificação do conceito de cultura na chamada “virada cultural” no final da década de 1970 e início da década de 1980 e por fim, da difusão da Geografia Cultural no Brasil em 1990, iremos nos basear nos debates realizados pelos geógrafos Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl e Paul Claval.

Por fim, também há contribuições teóricas do antropólogo Edgar Morin que afirma que a educação tem que ser multidimensional: a sociedade é multidimensional, pois ela comporta por diversas dimensões como a histórica, econômica, sociológica, religiosa etc. Ou seja, se a sociedade é multidimensional, o processo de formação dos futuros professores de geografia e da construção da geografia escolar devem ser multidimensionais para que haja, uma compreensão eficaz, tanto do futuro professor como do aluno do ensino básico, sobre a multiplicidade da sociedade em que nos inserimos e de seus diferente grupos sociais. Segundo MORIN (2000, p. 36), “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente”.

O professor tem um papel de extrema importância na questão central levantada nesta pesquisa. Por acreditarmos que a problemática aqui levantada, possa ter como um dos seus principais fatores a formação dos professores de geografia, começamos a analisar como se dá a incorporação da dimensão cultural ao longo do processo de formação desses professores, através da análise das grades curriculares dos principais cursos de licenciatura em Geografia presentes no estado do Rio de Janeiro.

Neste artigo apresentamos os resultados obtidos a partir da análise das grades curriculares da PUC-Rio, UFRJ, UFRRJ e UERJ (Maracanã, FFP e FEBF). Como podemos observar na figura 1, as unidades Maracanã e FFP da UERJ, não apresentam nenhuma disciplina voltada para abordagens culturais. Encontramos uma disciplina denominada “Geografia Cultural” de quatro créditos na UFRJ e uma de dois créditos na UFRRJ, uma disciplina na FEBF chamada “Cultura: O Global e O Local”, sendo ela dividida em I, II e III, totalizando doze créditos e uma não-obrigatória (seminário especial) de dois créditos, na PUC-Rio, denominada “Geografia Cultural”, sendo esta não oferecida frequentemente. Fazendo uma análise rápida e inicial, é possível perceber uma problemática visto que, a área cultural é totalmente ignorada por alguns cursos e em alguns, ela não é bem aproveitada e valorizada devidamente, com exceção da UERJ/FEBF.

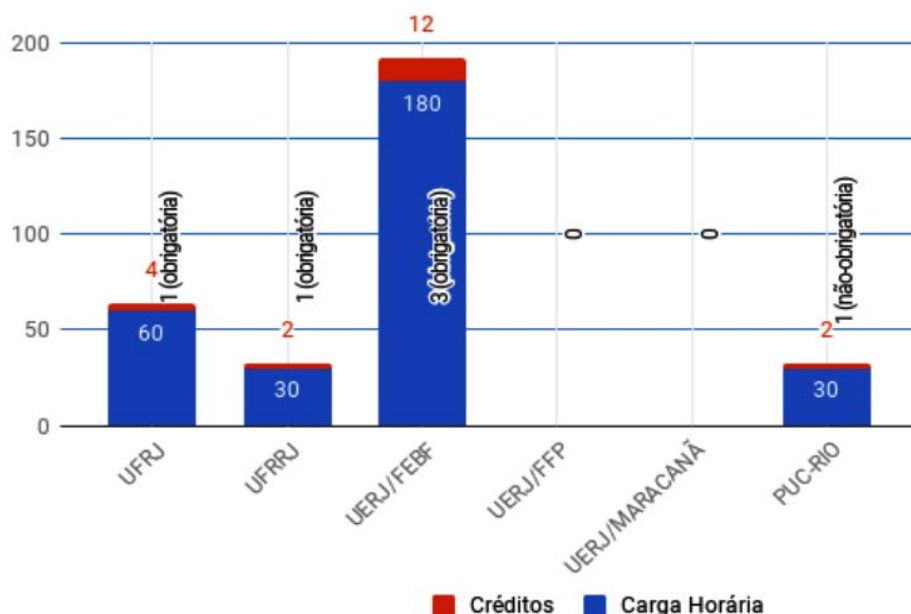


Figura 1: Grades curriculares dos principais cursos de licenciatura em geografia no estado do Rio de Janeiro - RJ (2018).

A cultura popular, negligenciada pela geografia brasileira, constitui-se em importante temática para a inteligibilidade do país. Ela se opõe a uma cultura hegemônica. Os significados das diversas práticas espaciais associadas ao cotidiano, envolvendo as coisas correntes, e as manifestações menos frequentes ou periódicas estão, com raras exceções, a serem evidenciados pelos geógrafos brasileiros. As festas e a música popular estão, entre outras manifestações, entre aquelas práticas merecedoras de atenção. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p.17)

Considerando as reflexões dos autores supracitados, apresentamos duas metodologias de ensino, desenvolvidas durante minha participação no subprojeto de Geografia do PIBID PUC-Rio (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), visando a utilização da dimensão cultural como aquele que pode aproximar a construção do saber escolar à realidade do aluno, com efeitos sobre o maior interesse pelas aulas de Geografia. As temáticas centrais das atividades propostas visam a valorização da cultura popular brasileira, mais especificamente as nordestinas e nortistas, visto que, a maior parte do alunado da Escola Municipal Georg Pfisterer, localizado no Leblon, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, reside em portarias de condomínios adjacentes e nas favelas da Rocinha, Vidigal e Cruzada São Sebastião. Estudos demonstram que a maior parte da

população destas comunidades, assim como os de portaria, são constituídas por famílias oriundas dessas duas regiões do país.

Pretendemos, através da proposição dessas atividades, que tiveram como base a aplicação de filmes nacionais e a interdisciplinaridade com a Arte e a Literatura, mostrar as influências dessas culturas na formação da identidade cultural de determinados grupos sociais que habitam a cidade do Rio de Janeiro e, desse modo, valorizar a diversidade cultural presente em nosso país.

Optei pela aplicação dos filmes como base para as atividades porque, como AZEVEDO (2009, p.16) afirma, os geógrafos, ao utilizarem materiais filmicos, objetivam retratar e trazer a realidade de diversos lugares, até então, distantes e diversos. Sendo assim, podemos resumir, até o momento, que o cinema consegue despertar emoções e sensações como rir e chorar, criar fantasias ou retratar diferentes realidades.

Perceber e valorizar a diversidade que compõem o mundo, tem que ser uma das prioridades do professor para que o mesmo colabore para uma formação que tenha significado e que permita que os alunos tenham autonomia e chance de transformar a realidade em que se insere. Assim sendo, uma das maiores prioridades do professor de Geografia deve ser a de elaborar metodologias que abordem os diversos e complexos temas, comuns à Geografia, e de maneira com que estes sejam interessantes para o alunato.

Pensando em recursos didáticos que auxiliem na construção dessas novas práticas pedagógicas, podemos destacar a aplicação de filmes. Almeida (2001, p. 48) manifesta que a inserção do cinema na educação é de suma importância, porque dá possibilidade à escola de se tornar “participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já direcionados e defasados”.

Metodologias de ensino para a geografia escolar

Para trabalhar com a cultura popular da região Nordeste, selecionamos o filme “O Auto da Compadecida”. Lançado no ano 2000 e dirigido por Guel Arraes, o filme aborda claramente a cultura nordestina na sua composição, através da

utilização dos contos de cordel. Inclusive, o filme foi baseado no cordel chamado "O Auto da Compadecida" de Ariano Suassuna. Sendo assim, nesta atividade, propomos a interdisciplinaridade com a literatura.

Após uma breve contextualização da região e de sua identidade cultural, exibimos o filme para uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental II, como podemos observar na figura 2. Logo após, foi pedido que, em duplas, cada um escolhesse uma cena do filme que apresentasse características típicas da identidade cultural nordestina. Após a seleção da cena, cada dupla ficou responsável por criar um cordel e nele, deveria conter a história da cena selecionada. Por fim, depois que todas as duplas entregaram seus cordéis e explicarem quais características culturais estavam presentes naquelas histórias, todos os cordéis foram expostos no mural da turma com uma corda, fazendo assim, referência aos varais de cordel (figura 3).



Figura 2: Exibição do filme o Auto da Compadecida (acervo pessoal - 2016)

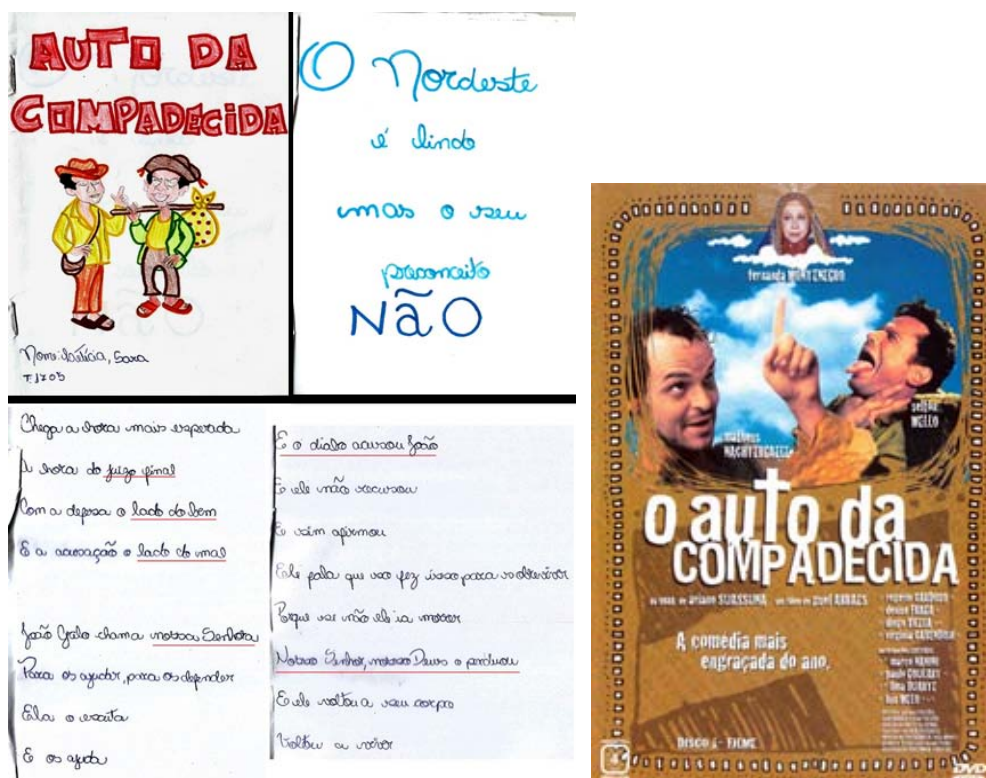


Figura 3: Cordel desenvolvido por alguns dos alunos e capa do filme “O Auto da Compadecida”.

Para desenvolver o conteúdo acerca da região Norte e desenvolver as atividades, optou-se pelo filme “Tainá 3 - A Origem”. Lançado no ano de 2013 e dirigido por Rosane Svartman, o filme narra o início da vida da famosa índia Tainá. Abordando diversas questões como as ambientais e de gênero, o filme nos permite conhecer um pouco da cultura popular da região Norte, principalmente da população local que tem uma ligação direta com a Amazônia, além da oportunidade de conhecermos um pouco mais da cultura indígena e assim, desmistificar alguns mitos existentes acerca deste povo.

Assim como na atividade anterior, foi realizada uma breve contextualização da região e da sua identidade cultural e, em seguida, foi exibido o filme para a turma. Depois da exibição, foi levantado uma breve discussão em sala sobre o que os alunos acharam sobre as questões abordadas no filme. Em seguida, de maneira individual, cada aluno ficou responsável por escolher uma cena que mais lhe chamou a atenção para retratar em forma de desenho. Por isso, podemos afirmar que, aqui, realizamos uma interdisciplinaridade com a disciplina de artes. Na aula

seguinte, com os desenhos em mãos, cada aluno fez uma breve explicação sobre o porquê da cena escolhida e qual a contextualização cultural por trás dela (figura 4).



Figura 4: Exposição dos desenhos no mural da turma e capa do filme “Tainá - a origem” (acervo pessoal - 2016).

A segunda parte da atividade, contou-se com o apoio de alguns episódios do programa “Um Pé de Quê?” do Canal Cultura. Segundo informações do próprio programa, que é apresentado por Regina Casé, o mesmo visa aproximar as espécies arbóreas da flora brasileira, dos espectadores através da música, da culinária, da história, da tecnologia, da antropologia e etc. Desta maneira, pretendeu-se apresentar aos alunos e os fazer-los entender a íntima relação entre as populações locais com a floresta amazônica.

Em seguida, foi realizado um trabalho de campo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (figura 5), onde a turma foi dividida em cinco grupos diferentes - o que pode variar, dependendo da quantidade de alunos na turma -. Cada grupo recebeu um mapa do local, previamente dividido em 5 locações e uma listagem com o nome de todas as espécies de origem amazônica que se encontram presentes no local. Cada grupo, com o acompanhamento de um professor, fez um breve levantamento do seu local com as espécies que foram encontradas (figura 6). Por fim, se o professor quiser complementar a atividade, o mesmo poderá produzir um mapa, com

os dados levantados pelos alunos, e assim, realizar um mapeamento do Jardim Botânico com as localizações de todas as espécies coletadas ao longo do trabalho de campo.



Figura 5: Trabalho de campo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (acervo pessoal - 2016).

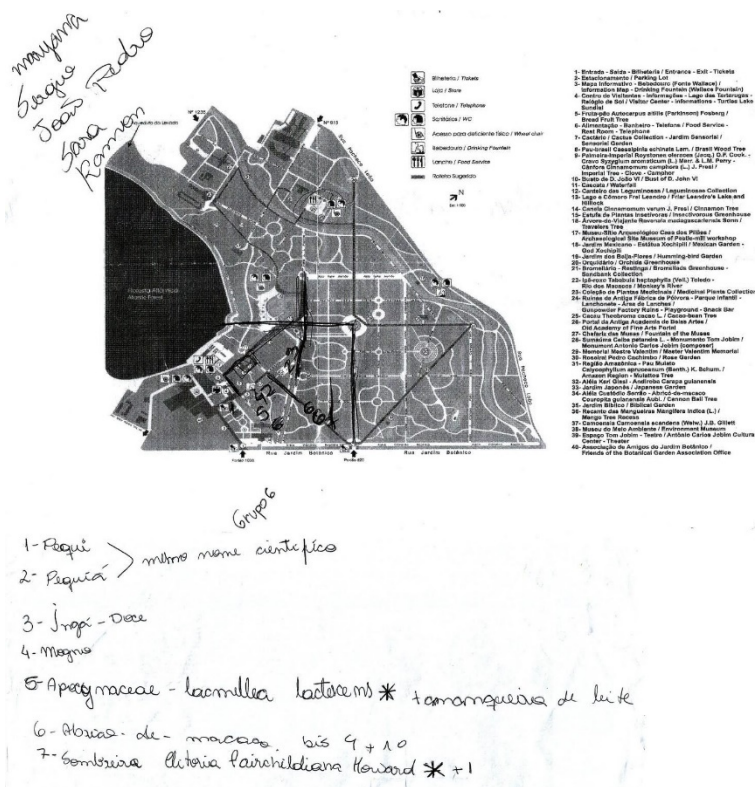


Figura 6: Croqui realizado por um dos grupos de alunos com supervisão dos bolsistas PIBID (acervo pessoal - 2016).

Conclusão parcial

A incorporação plena da dimensão cultural na produção do ensino de geografia ainda se encontra em fase inicial, por mais que a geografia cultural já esteja presente entre nós há quase três décadas.

A análise de currículos acadêmicos é indicativa dos desafios a serem, ainda, enfrentados em termos da consideração da multidimensionalidade dos fenômenos pela Geografia. Os resultados preliminarmente obtidos a partir da aplicação de atividades com alunos do ensino básico, por sua vez, são reveladores das possibilidades de valorização das identidades culturais dos diferentes grupos populacionais, proporcionando no espaço escolar o reconhecimento e respeito às diferenças, perspectivas fundamentais para a formação cidadã.

A partir da pesquisa realizada, que envolve outras etapas em andamento, esperamos poder contribuir para a valorização da dimensão cultural e da diversidade cultural que marca a formação socioespacial brasileira. De modo mais específico, buscamos reforçar a importância da sua incorporação pela Geografia acadêmica e pela Geografia escolar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

AZEVEDO, Ana Francisca de. "Geografia e Cinema". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. (Orgs.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. P.95-127.

CLAVAL, Paul. *Geografia Cultural*. 4.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. "Geografia Cultural: um balanço". *Geografia (Londrina)*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>> Acesso em: 16 abr. 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. "A cultura condiciona a visão de mundo do homem"; "A cultura interfere no plano biológico"; "Os indivíduos participam diferentemente de sua cultura"; "A cultura tem uma lógica própria"; "A cultura é dinâmica". In: _____. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 67-101.

MORIN, Edgar. "Os Princípios do Conhecimento Pertinente". In: _____. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Brasília: UNESCO, 2000. P. 35-46.



ROCHA, Everardo. “Pensando em Partir”. In: _____. O que é etnocentrismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 05-10.

UNESCO (1982, 6 de agosto). Mexico City Declaration on Cultural Policies adopted by de World Conference on Cultural Policies. México. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0005/000546/054668mb.pdf>> Acesso em: 20 de abr. 2018.